



HUGO PEREIRA ANTÔNIO

**ATUAÇÃO DO ZOOTECNISTA COMO PROMOTOR DE
ACESSIBILIDADE EM CENTROS EQUESTRES NO
BRASIL**

LAVRAS-MG

2020

HUGO PEREIRA ANTÔNIO

**ATUAÇÃO DO ZOOTECNISTA COMO PROMOTOR DE ACESSIBILIDADE
EM CENTROS EQUESTRES NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao colegiado do curso de
zootecnia como parte das exigências para
a obtenção do título de Bacharel em
zootecnia.

Prof. Dr. Francisco Duque de Mesquita Neto

Orientador

LAVRAS-MG

2020

HUGO PEREIRA ANTÔNIO

**ATUAÇÃO DO ZOOTECNISTA COMO PROMOTOR DE ACESSIBILIDADE
EM CENTROS EQUESTRES NO BRASIL**

**ZOOTECNIST'S PERFORMANCE AS A PROMOTER OF ACCESSIBILITY
IN EQUESTRIAN CENTERS IN BRAZIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado do curso de zootecnia como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em zootecnia.

Aprovada em 06 de agosto de 2020.

Prof (a). Dr (a) Raquel Silva de Moura UFLA

Prof (a). MSc (a). Cláudia Sophia Leschonski UNISO

MSc. Felipe Amorim Caetano de Souza UFLA

Prof. Dr. Francisco Duque de Mesquita Neto

Orientador

LAVRAS-MG

2020

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, pois se não fosse por Sua vontade eu não teria chegado aonde cheguei. Em seguida, à minha família que sempre me apoiou e principalmente, aos meus pais pelo apoio em tudo, desde a minha entrada no ensino básico até a universidade. Aos meus irmãos, aos meus tios e aos meus primos pelo apoio e torcida sempre.

Meus agradecimentos aos professores, em especial da escola municipal para deficientes visuais, onde estudei dos seis aos dezoito anos e recebi toda formação básica para ser incluído no ensino regular, bem como aulas de Braille, informática adaptada, orientação, mobilidade e uso da bengala.

Aos professores das escolas onde cursei meu ensino fundamental e médio, escolas municipais Professor Silvio de Castro Galindo, Coronel João Pedro de Almeida, Conde Pereira Carneiro, Centro Educacional Dinâmico e Centro Educacional Morais Bastos.

Aos professores e técnicos do Instituto Federal Baiano e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), instituições que passei antes de chegar a UFLA. Tenho certeza que construí verdadeiras amizades que levarei para vida, que nos momentos mais difíceis foram meus maiores incentivadores e tiveram muita importância na realização desta conquista.

Aos professores da UFLA, onde tive a satisfação de ser aluno. Ao professor Rony pelas orientações e pelo apoio como coordenador de curso, desde antes de me matricular na UFLA até os assuntos relacionados a atritos pedagógicos. Ao professor Stepham, meu primeiro professor na UFLA, meus agradecimentos pelos conselhos e por compartilhar uma parcela de seu conhecimento.

À professora Raquel Moura pela oportunidade de trabalho e pelo direcionamento no que tange trilhar o caminho da equideocultura e por aceitar participar da minha banca de defesa do meu trabalho de conclusão de curso. Ao professor Mateus Pies Gionbelli, meu orientador de iniciação científica. Ao professor Chico que aceitou me orientar na realização do meu estágio supervisionado e na construção desse trabalho.

Ao meu amigo Felipe Amorim, que foi um dos incentivadores para que eu viesse para UFLA, juntamente com o Francisco e o Thales. Graças à paixão pelos cavalos, nos conhecemos em um congresso e construímos uma amizade que é, sem dúvida, para vida. Aos meus colegas do Núcleo de Estudo em Equideocultura (NEQUI-UFLA), agradeço pelos momentos de aprendizado. Foi uma experiência única ter passado um ano trabalhando com vocês, levarei grandes amizades construídas para a vida.

Aos meus colegas do centro acadêmico de zootecnia no qual, através do colegiado, pude contribuir para o progresso e sucesso do curso de Zootecnia na UFLA. Podem ter certeza que lutarei sempre pela zootecnia e por nosso direito de exercer nossa profissão. Obrigado por me escolherem para representar os alunos no colegiado de curso, minha consciência é de dever cumprido.

Aos monitores do PADNEE (Programa de Apoio a Discentes com Necessidades Educacionais Especiais) e a todos que passaram e contribuíram para meu acesso ao conhecimento.

Todos foram muito importantes para mim, minha sincera gratidão a toda equipe. A todos os alunos de graduação e de pós-graduação que foram meus tutores em alguma disciplina, e a todos técnicos, funcionários e amigos que vou levar comigo na lembrança. Meu muito obrigado de coração, vocês foram muito importantes para o meu crescimento pessoal, intelectual e moral nesse período que passei na UFLA.

Por fim, agradeço à equipe da Universidade do Cavalo, onde realizei meu estágio supervisionado. Gratidão em primeiro lugar ao Aluisio Marins pela oportunidade, ao Sílvio, a Ana Vitória e a Cláudia Leschonski por todo ensinamento.

Não limite seus desafios, desafie seus limites.

RESUMO

A equideocultura é uma atividade que tem relevada importância para o agronegócio brasileiro e mundial. Graças aos seus atributos profissionais, o zootecnista vem se destacando também nesta atividade, sendo qualificado para atuar nas áreas de nutrição, alimentação, manejo de solo, formação de pastagens, biotecnologia da reprodução, melhoramento animal e saúde e bem-estar animal, atendendo assim às constantes demandas exigidas pelo mercado do cavalo.

Para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzidas, a acessibilidade, que é o acesso livre e seguro destas pessoas a locais públicos ou privados deve incluir também os centros equestres, a fim de proporcionar a este público o contato com os cavalos. Esta deverá ser uma preocupação constante e crescente dos gestores e proprietários de centros equestres. Desta maneira, realizou-se um estágio com o objetivo de aprimorar os conhecimentos teórico-práticos sobre equideocultura. Entender a realidade de um centro equestre é essencial para atuar na promoção de acessibilidade neste tipo de ambiente para as pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

O estágio foi realizado na Universidade do Cavalo (UC), localizada na cidade de Salto de Pirapora, SP. A mesma possui um plantel com aproximadamente 60 animais para doma ou treinamento, bem como aqueles utilizados na escola de equitação e em cursos de aprimoramento básico e avançado de equitação.

Nesta experiência prática do estágio, remeti-me à falta de acessibilidade vivenciada em toda a minha trajetória na lida com os cavalos. Decidi então erguer a bandeira e juntar os temas acessibilidade, zootecnia e equideocultura, o que parecia muito distante. O pontapé inicial foi dado no décimo sétimo Encontro internacional de Horsemanship da UC, com a palestra que fui convidado a proferir, intitulada “Acessibilidade em Centros Equestres”. Na mesma, relatei resumidamente minha convivência com os cavalos e como realizo todas as atividades e obrigações diárias nisto incluídas. Uma vez que sou cego, o uso da sensibilidade é minha principal ferramenta para manejar e montar os cavalos. Pude abordar este assunto para um público expressivo, inserido no mercado e na atividade equestre.

É possível afirmar que, em se tratando de cavalos, os conhecimentos adquiridos, sejam teóricos, práticos ou técnicos, só fazem sentido vivendo os cavalos. Para que isto funcione, é importante que eles caminhem lado a lado com a acessibilidade em centros equestres.

Palavras-Chave: Equinos. Nutrição. Treinamento. Zootecnia. Inclusão social.

ABSTRACT

Horse breeding and management is an important activity in agribusiness, at both Brazilian and international level. Due to their professional predicates, zootechnists stand out also in this field, being qualified to work with equine nutrition, soil and pasture management, reproductive biotechnology, genetic improvement and animal health and well-being, thus responding to constant demands placed by the equine industry.

For disabled people or those with reduced mobility, accessibility, meaning free and safe access of these people to public or private locations, must also induce equestrian establishments, to enable this public's contact with horses. This should be a constant and growing aim of owners and managers of equestrian facilities.

Therefore, the author carried out an internship aiming to enhance theoretical and practical knowledge in equine management. To understand an equestrian facility's reality is paramount towards promoting accessibility for disabled people in this kind of environment.

The internship took place at Universidade do Cavalo (UC – The Horse University), located in Salto de Pirapora, São Paulo state, Brazil. UC houses a herd of approximately 60 horses being started and in training, as well as those used in the riding school, management and horsemanship courses.

During this internship experience, I was reminded and encouraged to comment about the lack of accessibility experienced during my whole life working with horses. I thus decided to engage myself in this topic, combining the themes accessibility, zootechnics and horse husbandry, which at first seemed quite distant from each other. The kickoff happened during UC's seventeenth international horsemanship meeting, where I was invited to speak on the topic "Accessibility in Equestrian Centers". There, I briefly reported my experience with horses, and how I accomplish all associated daily tasks and activities. Being blind, using sensibility is my main tool for handling and riding horses. I had the opportunity to bring this subject to an expressive horse-related public, in the several branches of equestrian activities.

It is possible to state that, where horses are concerned, all knowledge acquired – be it theoretical, practical or technical – makes sense only when living a real equestrian routine. For this to work, these topics must go side by side with accessibility in equestrian facilities.

Keywords: Equines. Animal nutrition. Training. Zootechnics. Social inclusion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	A IMPORTÂNCIA DO ZOOTECNISTA NA EQUIDEOCULTURA.....	10
2.2	BEM ESTAR ANIMAL	11
2.3	MANEJO NUTRICIONAL E ALIMENTAR.....	13
2.4	TREINAMENTO	16
3	OBJETIVO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	19
4	DESCRIÇÃO DO LOCAL E DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O	
ESTÁGIO	19
4.1	HISTÓRICO E SERVIÇOS PRESTADOS PELA UNIVERSIDADE DO CAVALO	
(UC)	19
4.2	MANEJO NUTRICIONAL E ALIMENTAR.....	20
4.3	INSTALAÇÕES	21
4.4	MANEJO SANITÁRIO	22
4.5	TREINAMENTO DE EQUINOS	23
4.6	ACESSIBILIDADE EM CENTROS EQUESTRES	25
5	SUGESTÕES	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
7	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS	30

1.INTRODUÇÃO

A equideocultura é uma importante atividade do agronegócio brasileiro e consequentemente contribui para a economia nacional. O Brasil possui o segundo maior rebanho mundial de equídeos, perdendo apenas para os Estados Unidos, movimentando aproximadamente, 16,15 bilhões de reais ao ano e cerca de três milhões de empregos (LIMA; CINTRA, 2015).

Mesmo que os equídeos tenham sido substituídos ao longo dos anos por veículos motorizados e máquinas agrícolas, ainda possuem elevada importância como meio de transporte de carga e como tração animal, principalmente nas regiões que possuem áreas em que a topografia não permite mecanização agrícola. Além disso, o Brasil possui o maior rebanho de bovinos mundial com cerca de 200 milhões de cabeças, sendo que 80% do rebanho é criado à pasto (LIMA; CINTRA, 2015), sendo indispensável a presença dos equídeos na lida diária com os bovinos. Apresentam particularidades específicas, quanto a sua fisiologia digestiva, e etológicas.

O desempenho atlético dos equídeos é muito explorado, sendo um nicho de mercado em constante movimentação com significativo impacto econômico, atingindo profissionais, proprietários e criadores. O profissional que atua na cadeia produtiva do cavalo não pode apenas ser movido por conhecimento técnico, mas deve viver e entender o indivíduo cavalo.

Por muito tempo, atuou na produção de equídeos apenas veterinários e agrônomos, não sendo contabilizada a presença de outro profissional diretamente, como por exemplo, o zootecnista. Porém, essa realidade está em mudança e o zootecnista vem conquistando seu espaço graças a sua qualificação profissional, e tem se destacado atuando em pontos diversos da atividade. Um tema recente que impacta positivamente na inclusão social e vem sendo discutido também no meio equestre a passos curtos, mas porém firmes, conquistando espaço e mostrando sua importância, é a promoção de acessibilidade em centros equestres.

Atualmente se fala em acessibilidade nos diversos âmbitos, essa preocupação em promover o acesso e a inclusão das pessoas com deficiências e ou com mobilidade reduzidas nos diversos ambientes equestres, deve ser um diferencial para o centro equestre e estar na lista de metas para serem galgadas pelo gestor ou pelo proprietário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ZOOTECNISTA NA EQUIDECULTURA

Com a expansão da equideocultura por todo o Brasil, vem surgindo demanda por mão de obra especializada e qualificada, abrindo mercado para atuação dos diversos profissionais das áreas agrárias. O zootecnista vem sendo valorizado e ganhando destaque, além de estar habilitado a gerenciar, planejar e administrar empreendimentos do agronegócio, como fazendas, granjas, e porque não, centros equestres.

Atualmente o zootecnista está presente em todos os setores da produção animal, produzindo com responsabilidade o alimento, respeitando o bem-estar-animal, levando até o consumidor produtos de qualidade e com biossegurança garantida. O zootecnista tem como diferencial em sua formação a qualificação para atuar com êxito na nutrição, formulação de rações e dietas, melhoramento genético, reprodução, sanidade, manejo de solo, produção vegetal, forragicultura, formação e manejo de pastagens, conservação de alimentos, economia e administração rural. Sua formação focada no desempenho animal e na gestão de atividades pecuárias torna suas atribuições fundamentais em áreas destinadas à produção de carne, leite, lã, ou mesmo no caso da produção de equinos visando trabalho, esporte e lazer. Além disso, desenvolve atividades que visam à preservação do meio ambiente por meio da defesa da fauna e orientação da criação das espécies de animais silvestres e realiza pesquisas em instituições públicas e/ou privadas, gerando conhecimento, tecnologia e capacitação técnica pelo ensino e extensão rural (FERREIRA et al., 2006).

É fato que há uma diversidade de áreas de atuação do zootecnista dentro da equideocultura, mas segundo Oliveira (2008) os profissionais, especialmente os

zootecnistas, enfrentam dificuldades ao entrar no mercado, pois a área equestre não valoriza, muitas das vezes, os serviços prestados para seleção, criação e nutrição dos equinos. Segundo esse autor, os criadores de cavalos têm como interesse o potro, que é muitas vezes o produto gerador de renda na fazenda, e suas atenções são voltadas para o investimento em profissionais especialistas em reprodução. Assim, outras assessorias como as relacionadas com nutrição são deixadas como segundo plano, visto que algumas empresas de alimentação animal fornecem este serviço. Sendo assim, o Zootecnista mostra-se como um profissional com capacitação técnica e todas as características exigidas e necessárias para atuar na equideocultura.

2.2 BEM ESTAR ANIMAL

O bem-estar animal vem sendo bastante discutido nos dias atuais, porém, este conceito pode ser distorcido, levando pessoas com menos informações a acreditarem em falsas verdades, sendo função dos técnicos da área garantir que os equídeos vivam o mais próximo possível ao seu ambiente natural. Os conceitos atuais para entendimento do bem-estar animal incluem o modelo dos cinco domínios, os quais são: nutrição, ambiente, saúde, comportamento e estados mentais (THE WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION - WSAVA, 2018). Este é o conceito de melhor entendimento e de maior aplicabilidade em todo sistema de produção animal.

Vale ressaltar que a etologia dos equídeos precisa ser conhecida para que adequações nos sistemas de criação em questão sejam feitas respeitando o bem-estar animal e a relação homem-cavalo, impactando positivamente na qualidade de vida dos cavalos (LEME et al. 2017; MARINS, 2019). Também é importante considerar que os equídeos são presas e tiveram um desenvolvimento adaptativo para fuga de seus predadores. Neste contexto, em vida livre, o cavalo prioriza primeiramente a segurança, depois conforto e interações sociais, e posteriormente a alimentação, que é uma consequência de um local seguro (LEME et al.,2017).

Os equídeos atletas recebem tratamento especial, e essa categoria também é assegurada pelas normas das associações das raças ou das modalidades específicas, e são fiscalizadas pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento),

CBH (Confederação Brasileira de Hipismo) subordinada a FEI (Federação Equestre Internacional) durante os eventos, ou trânsito dos animais. Além disso, vale ressaltar que os animais já realizam em vida livre atividades como salto e galope, não muito diferente dos esportes, porém com treinamento e balanceamento nutricional adequado, buscando atingir o desempenho desejado. Para isso, esses animais precisam estar bem para que desempenhe o trabalho com naturalidade e proporcione prazer a seus proprietários.

Indícios que indicam práticas de manejo erradas ou mal executadas são o surgimento de comportamentos anormais, estereotípias (VIEIRA, 2015). Estereotípias são movimentos repetitivos, que seguem certo ritual e não apresentam uma função aparente (LEME et al., 2017). Muitos profissionais dos equinos na maioria dos casos, não conhecem o comportamento normal dos animais e tem dificuldade de verificar que, se o animal desenvolveu comportamento anormal é devido a alguma falha no processo de manejo e/ou de treinamento, pois estes desvios de comportamento são desencadeados pelo tempo de ócio do animal como forma de adaptação ao ambiente ou a práticas inadequadas (LEME et al., 2017), sendo essas anomalias mais frequente na criação de equinos estabulados e animais em treinamento.

Podendo afirmar que conhecer e entender o comportamento natural da espécie é fundamental para adotar práticas de manejo que proporcione ao cavalo uma vida de cavalo, evitando quadros de estereotípias. Proporcionar um ambiente mais próximo ao natural dos cavalos, é sinônimo de preocupação com o bem-estar dos animais de forma a permitir interações sociais positivas, alimentação adequada, atividades físicas em liberdade, diminui os quadros de distúrbios comportamentais (MARINS, 2019, REZENDE et al., 2006).

2.3 MANEJO NUTRICIONAL E ALIMENTAR

Os equídeos são herbívoros não ruminantes de fermentação ceco-cólica, tendo como principal fonte de nutriente as forragens. Estes animais conseguem atender suas exigências de manutenção apenas com o consumo de forragens em quantidade e qualidade adequada (BRANDI; FURTADO, 2009). Porém é necessário levar em consideração que os equinos são animais atletas e algumas categorias possuem altas exigências nutricionais, sendo assim, quando a exigência nutricional do equino não é suprida apenas com o fornecimento de volumoso, gera-se a necessidade de fornecer ao animal alimentos concentrados para atender a demanda energética, proteica, vitamínica e mineral.

Para o correto funcionamento do sistema digestório e a não ocorrência de problemas gastrointestinais dos equinos, como cólicas, faz-se necessário primeiramente respeitar a fisiologia digestiva desta espécie. Ao fornecer o alimento aos equídeos deve ser levado em consideração aspectos relacionados aos hábitos alimentares naturais desta espécie. A digestão dos alimentos fornecidos aos animais é iniciada na boca, onde há apreensão, mastigação e umedecimento da digesta. A apreensão ocorre com o auxílio dos dentes incisivos. A mastigação é feita pelos molares que trituram o alimento em partículas menores e por fim o umedecimento é feito pela saliva que é expelida pelas glândulas salivares exócrinas (parótida, sublingual e submaxilar) (LEWIS, 2000). Assim a manutenção do fornecimento de forragem à vontade para os animais auxilia na garantia da saúde digestiva, onde por meio da mastigação ocorre à produção de saliva, sendo esta inteiramente estimulada pela ação mecânica, necessitando da presença do alimento para que a produção de saliva seja produzida constantemente.

Nos equídeos, é no estômago que se inicia a digestão química e enzimática e a hidrólise ácida com produção de HCL (Ácido clorídrico) que é contínua nos equinos, por isso é importante a constante ingestão de alimentos de preferência fontes de fibra para manter a mastigação e conseqüentemente a produção de saliva que possui muitas substâncias, como bicarbonatos, que são tamponantes e auxiliam na proteção da mucosa gástrica (NUTRIENT REQUIREMENTS OF HORSES - NRC, 2007).

Outra particularidade importante a ser considerado é que o estômago equino é relativamente pequeno em relação ao trato gastrointestinal, possuindo a capacidade de 15 a 20L, assim os animais necessitam se alimentar várias vezes ao dia (MORGADO et al., 2009), e estando estabulados ou soltos, devendo ter acesso ao volumoso à vontade durante todo o dia. Medidas como forma de prevenção para distúrbios gástricos devido ao pequeno tamanho do estômago devem ser adotadas e o fracionamento do alimento concentrado, evitando a sobrecarga gástrica, sendo recomendado a utilização de 0,5 Kg para cada 100 Kg de peso vivo por fornecimento (NRC, 2007).

À medida que se altera a relação volumoso, concentrado para atender as demandas nutricionais, modifica-se o tempo de mastigação do animal, ou seja, se há uma diminuição na quantidade de volumoso e aumento de concentrado na dieta há uma diminuição da mastigação e conseqüente diminuição da insalivação do alimento. Para que sejam evitados problemas gástricos garantindo uma saúde digestiva para os equinos, estratégias nutricionais como ofertar volumoso à vontade, realizar os tratos diários sempre nos mesmos horários com o objetivo de manter a rotina de manejo, e evitar fornecimento de concentrado em situações estressantes, são medidas que diminuem os riscos de problemas futuros e danos vezes irreparável.

A relação volumoso-concentrado se referem a quantidade de forragem e concentrado que são fornecidas aos animais. Essa relação deve ser de no mínimo 30% de volumoso, sendo pelo menos 1% do peso vivo de forragens de talo longo e mínimo 12% de fibra na dieta (BRANDI; FURTADO, 2009). Se estas recomendações não forem atendidas pode ocorrer depressão da fermentação microbiana no intestino grosso. Vale ressaltar que quanto mais se aumenta a quantidade de concentrado na dieta, maior é o risco de cólicas nos animais, e uma forma de reduzir este risco é utilizar óleo para aumento da energia da dieta sem aumentar quantidade de matéria seca. A recomendação segundo o NRC (2007) para fornecimento de óleo para equinos é de 0,7g/Kg de peso vivo do animal.

Os equinos não possuem vesícula biliar, sendo assim, a bile é constantemente liberada no intestino, fazendo com que os equinos sejam muito eficientes na digestão de lipídeos. Diante desta particularidade a utilização de óleos na alimentação dos equinos

tem sido bastante indicada, principalmente em cavalos de esporte onde a exigência energética é aumentada.

Para o suprimento desta energia, criadores e profissionais dos cavalos utilizam principalmente fontes de amido nas rações, porém seu uso excessivo pode ocasionar problemas gastrointestinais, como as cólicas, podendo levar o animal a óbito.

Os equinos são herbívoros, ou seja, a base de sua alimentação são as forragens, e ao longo de sua evolução o seu trato digestório desenvolveu-se para degradação de fibras presentes nas plantas forrageiras, sendo assim, esta espécie possui limitações quanto à degradação do amido por possuir baixa concentração de amilaze. Deste modo, a utilização do óleo é crescente nas dietas, uma vez que a digestão de gorduras sem a necessidade de aumentar a energia da dieta por meio do aumento de matéria seca com a utilização de concentrados é uma particularidade da espécie e que vem sendo muito explorada.

Outro ponto muito discutido entre profissionais da área de equideocultura é a ordem de fornecimento de concentrado e volumoso para espécie equina. É interessante relatar que a ordem de fornecimento visa maximizar o aproveitamento do alimento respeitando a fisiologia digestiva dos equinos. É no intestino delgado o principal local de digestão e absorção de nutrientes, sendo o melhor local para aproveitamento do alimento concentrado. Já o intestino grosso (ceco e cólon) é o principal local de digestão de alimentos fibrosos e produção e absorção de AGVs, onde as fibras contidas nos alimentos volumosos são degradadas por ação da fermentação anairóbica. Assim, recomenda-se fornecer primeiramente o volumoso e posteriormente o concentrado cerca de duas a três horas depois, pois é necessário que o trato digestório seja preenchido com o volumoso, pois se o concentrado for fornecido antes do volumoso, o alimento fibroso aumenta o trânsito do trato gastrointestinal, ocorrendo menor digestibilidade e absorção dos nutrientes contido no concentrado. Além disso, este maior trânsito da digesta impede que o concentrado não seja totalmente digerido e absorvido, ocasionando em um baixo aproveitamento dos nutrientes.

Assim, principalmente o amido contido neste alimento irá para o intestino grosso, onde sofrerá fermentação pela microbiota, podendo abaixar o pH local, acarretando em acidose metabólica e depressão da digestibilidade da fibra (BRANDI; FURTADO,

2009). Caso haja a necessidade de fornecer o concentrado antes do volumoso este deve ser fornecido no mínimo duas horas antes do volumoso favorecendo uma digestão e um aproveitamento dos nutrientes.

Para evitar problemas nutricionais na ordem de fornecimento de volumoso e concentrado, realizando qualquer mudança na dieta, troca, interrupção ou início do fornecimento dos alimentos é necessário um período de pelo menos sete dias para a adaptação da microbiota presente no intestino grosso (NRC, 2007). Portanto, o respeito às particularidades fisiológicas digestivas da espécie equina por meio de práticas de manejo corretas e uma aproximação ao hábito natural de alimentação, garante bem-estar, saúde digestiva, desempenho e longa vida aos cavalos.

2.4 TREINAMENTO

O treinamento de equídeos deve iniciar no primeiro dia de vida do animal, já na cura do umbigo, momento inicial de contato do animal com o ser humano. Este contato deverá continuar por toda a vida do equino. Diferente do que se pensa, o treinamento ou mesmo a doma dos equídeos nunca chega ao fim, pois é um processo de aprendizado contínuo pelos animais e deve ser direcionado com responsabilidade pelos treinadores (LESCHONSKI, 2019).

Os cavalos foram domesticados e montados pela primeira vez aproximadamente em 4500 a.C., onde existem algumas evidências de que aproximadamente 6000 anos atrás já haviam pessoas usando embocaduras em cavalos, uma vez que foi encontrado um garanhão enterrado com dentes mostrando sinais de uso contínuo daquelas (BOTTON, 2019). As atividades equestres foram surgindo dos trabalhos no campo, dos divertimentos, dos treinamentos militares, do transporte, entre outros, demonstrando claramente a aptidão desta espécie animal para uso em competições, daí a preocupação e importância de se conhecer e entender sobre o treinamento de equinos.

Assim, com o desenvolvimento dos esportes equestres ao longo dos anos, existe uma infinidade de modalidades com alcance internacional, nacional e regional. Essas são divididas de acordo com seus diferentes percursos e regras estabelecidas, na maioria

das vezes, por associações de raças ou das próprias modalidades. Algumas delas podem ser praticadas por animais de variadas raças de acordo com suas aptidões e outras somente com animais de uma única raça.

As modalidades também podem ser divididas seguindo o tipo de equitação adotada pelo cavaleiro em: clássica, western e mista, ou quando além dos equídeos, possui a presença de outros animais como, por exemplo, os bovinos, neste caso são chamados de prova com gado (BOTTON, 2019).

Entre as clássicas estão o adestramento, o salto, polo e o CCE (Concurso Completo de Equitação). Na Western tem-se rédeas, três tambores, cinco tambores e seis balizas. Entre as mistas tem-se a equitação de trabalho e o hipismo rural. Na prova com gado tem-se Team Penning, Working Penning, Apartação, Paleteada, Working Cow Horse, Ranch Sorting, Laço de bezerro, Laço comprido, Laço em dupla, Bulldogging e Vaquejada. No Brasil também são praticadas algumas outras modalidades, como exemplos: enduro, vouteio e redias, vaquejada, argolinha, cancha reta, pato, poeirão, concurso de marcha, dentre outros. Algumas modalidades, principalmente as olímpicas, que são o hipismo clássico, o adestramento, o polo e o CCE, fazem parte do padrão FEI.

A partir da revolução equestre do século XX, houve o aumento das competições de adestramento na Europa. Desta maneira, a FEI, órgão responsável por regulamentar, fiscalizar provas de alto nível equestre e formar juízes com a elevação da exigência do desempenho dos equinos em suas competições, verificou a necessidade de criação de um método de treino que servisse para orientar treinadores, cavaleiros e juízes (LUPI et al., 2007). Assim, definiu-se a escala de treinamento Alemã desenvolvida para cavalos de Dressage com o método de treino sendo defendido pela FEI como um guia para treinadores, cavaleiros e juízes, tanto dos animais em início de doma como em treinamentos mais avançados (LUPI et al., 2007).

A escala de treino é apresentada em fases que são: Ritmo, Descontração, Contato, Impulsão, Retidão e Reunião (LUPI et al., 2007).

- Ritmo: O Ritmo é a primeira fase da escala de treino a ser desenvolvida pelos animais em treinamento. É definido como a batida regular durante os andamentos (passo, trote e galope), assim como nos exercícios a serem executados. Nesta fase os andamentos são

aperfeiçoados principalmente realizando círculos de maior diâmetro e as transições crescentes, como por exemplo, passo para trote e trote para galope, assim como as decrescentes como galope para trote e trote para passo.

- Descontração: A descontração ou também denominada Souplesse, chamada por alguns treinadores de flexibilidade, tem o intuito de desenvolver no animal a flexibilidade lateral e longitudinal, de forma que o animal execute exercícios de forma ativa mas sem tensões, não somente físicas referente ao corpo do equino, mas também a sua descontração mental.

- Contato: Para alguns treinadores o contato seria como se fosse a conexão, ligação e aceitação da embocadura, o que leva a uma leveza no contato das rédeas com a mão do cavaleiro. Se o animal for bem treinado nas duas primeiras fases da escala de treino, que são o ritmo e a descontração, certamente ele irá procurar e aceitar o contato de forma natural com a embocadura e mão do cavaleiro. É importante que o contato seja simétrico em ambos os lados do animal. Segundo LUPI et al. (2007) é nesta fase que pode ser iniciado os trabalhos de mobilização da garupa, facilitando o desenvolvimento do bom equilíbrio e ritmo nos andamentos.

- Impulsão: É a disposição do cavalo a avançar para frente com passadas amplas e com engajamento dos posteriores. Esta fase os equinos devem realizar da forma mais natural possível e com menor solicitação do cavaleiro. O correto trabalho de treinamento nas fases de ritmo, descontração e contato permitem o sucesso no desenvolvimento da impulsão nos equinos.

- Retidão: A retidão tem o intuito de fazer com que os equinos executem os movimentos durante os andamentos e exercícios de forma reta, sem assimetrias nos lados, a fim de não desenvolverem limitação física pelo fato de trabalharem mais um lado do corpo do que outro. Isso fará com que o cavalo possa exprimir da melhor forma seu potencial atlético. Nesta fase é verificado nos animais se o mesmo está com retidão na descontração e no contato, se possui simetria nas encurvaturas e nos exercícios laterais.

- Reunião: Na reunião o peso do cavalo se desloca para os membros pélvicos de forma a permitir maior liberdade dos membros torácicos. Ocorre engajamento dos posteriores, o abaixamento das ancas e a atitude do conjunto de frente é erguida e fixa. É importante

ressaltar que na reunião a leveza no contato deve ser mantida. A reunião pode ser realizada em vários níveis, onde são mais conhecidos os de mais elevado nível, que são exercícios de alta escola como passage, piafer e piruetas.

3. OBJETIVOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

3.1. Aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade a prática e viver o dia a dia de um centro equestre.

3.2. Entender a realidade para atuar como promotor da acessibilidade de pessoas com necessidades especiais sendo usuários e prestadores de serviço em centros equestres.

4. DESCRIÇÃO DO LOCAL E DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO

4.1 HISTÓRICO E SERVIÇOS PRESTADOS PELA UNIVERSIDADE DO CAVALO (UC)

Localizada na cidade de Salto de Pirapora em São Paulo, a Universidade do Cavalo, fundada em 19 de abril de 1997, vem desenvolvendo um trabalho de formação de profissionais que pretendem entrar no ramo da equideocultura ou que já atuam na atividade e querem se especializar e atualizar. Fornece estágios para alunos de Zootecnia, Medicina Veterinária, Agronomia e para estudantes do curso de gestão em equinocultura.

A UC possui um plantel com aproximadamente 60 animais em constante rotatividade, entre saída e entrada de novos animais, seja para doma ou treinamento. Sendo assim, possui diversas categorias que variam de potros, animais em doma ou variados estágios de treinamento, animais em manutenção e animais idosos aposentados. Conta também com uma escola de equitação provendo aprimoramento básico e avançado de equitação, bem como iniciação a modalidades de equitação de trabalho, salto, tambor e CCE.

Dispõe de cursos profissionalizantes e tem como meta atender interessados em se qualificar nas seguintes áreas: Gestão de equideocultura com curso superior em parceria com a Universidade de Sorocaba (UNISO), reconhecido pelo MEC, casqueamento e ferrageamento, horsemanship e equitação, iniciação de potros, capacitação de domadores, doma, boas práticas de manejo e um curso de certificação de treinadores com duração de dois anos, com um programa e conteúdo bem direcionado para quem pretende se tornar um treinador profissional, passando por todos os estágios do treinamento, trabalho de chão, doma e preparo dos cavalos para qualquer prática ou modalidade equestre.

4.2 MANEJO NUTRICIONAL E ALIMENTAR

O manejo alimentar é realizado da seguinte forma na UC: os animais recebem seis refeições diárias sendo três de volumoso (Pastagens de Tifton 85, pré-secado de coast cross e Alfafa) e três de concentrado. O concentrado fornecido aos animais é peletizado fornecido pela empresa Nutrimax, sendo adotadas três diferentes formulações do mesmo para que atenda as diferentes exigências das categorias de animais alojados na UC. O fornecimento de sal mineral para todos os animais, bem como a suplementação de premix, prébióticos ou probióticos em algumas categorias, são realizados diretamente junto com o concentrado, sendo administrado 60g de sal mineral por animal ao dia.

O manejo diário dos animais inicia-se com o fornecimento do primeiro trato de concentrado, às 7h. Em seguida, os animais em treinamento são rasqueados e tem seus cascos limpos, são retirados das baias ou dos solários e seguem para serem treinados. Os animais que não possuem escala de treinamento são levados de seus alojamentos para os piquetes com acesso a pastagem ou recebem feno em um fenil tipo rede nas baias. Os animais que ficarem pastejando no período da manhã retornam para suas baias

às 11h e todos recebem o segundo trato de concentrado. Os animais que não são soltos nos piquetes pela manhã recebem um trato de volumoso às 9h.

No período da tarde, os animais que estavam em treinamento ou que por ventura não tiveram acesso à pastagem, são manejados para os piquetes para o período diário de pastejo e os animais que estiverem nas baias ou nos solários recebem a alimentação volumosa às 14h. No final da tarde, às 16h, todos recebem o terceiro trato de concentrado e um diferencial da UC, é que a meia noite todos os animais recebem um trato de volumoso, totalizando assim os seis tratos diários. O fornecimento do volumoso nas baias e nos solários é realizado no chão. A avaliação do peso vivo e o escore de condição corporal são realizados mensalmente nos animais por uma médica veterinária, sendo o peso estimado por fita específica para equinos e a escala de ECC utilizada é de 0 a 5, proposta por Carrol e Huntington (1988).

4.3 INSTALAÇÕES

As instalações na UC são distribuídas em: dois galpões de alvenaria, o principal com 14 baias e o segundo com seis baias, ambas com 16m quadrados, 28 solários de 75m quadrados e 60 piquetes de 200m quadrados, formados com a cultivar Tifton 85 pertencente ao genero Dáctlon para o pastejo rotacionado dos animais. As cercas dos piquetes e solários são de arame liso galvanizado, eletrificadas com voltagem e amperagem apropriada para animais. Segundo a Embrapa, a cerca elétrica é segura para os animais porque a corrente elétrica que flui através do sistema não é contínua, onde os pulsos elétricos emitidos são de alta voltagem (entre 7 - 5 kV), mas de baixa amperagem (0,0001 A) (MEIRELLES, 2001).

Os solários, segundo o proprietário, foram criados para abrigar animais que não se adaptam em baias por algum distúrbio etológico e já obtiveram resultados satisfatórios com este diferencial, como por exemplo, na amenização do quadro de aerofagia, além do fato dos equídeos ficarem mais próximos uns dos outros. As baias e solários possuem

bebedouros automáticos e cochos para o fornecimento de concentrado com aproximadamente 60 cm de altura do chão, sendo que nos solários os cochos de concentrado se encontram no chão. Nas baias os cochos e os bebedouros são feitos de alvenaria e nos solários são de bombonas de plástico cortadas ao meio.

A limpeza das baias e dos solares é iniciada simultaneamente, visto que os animais necessitam de seus respectivos locais de descanso limpos ao retornarem do pastejo ou do treinamento.

As camas das baias são feitas de maravalha com 30 cm de altura e os solários de terra batida, proporcionando conforto aos animais. O manejo das camas das baias é realizado diariamente, limpando as fezes e os locais úmidos, repondo o que havia sido tirado e depois a mesma é nivelada. Com este manejo, a troca total da cama das baias é realizada uma vez ao ano em média. Nos solários, o recolhimento dos dejetos é realizado uma vez por semana. Os dejetos coletados diariamente nas baias e semanalmente nos solários são alocados nos piquetes para adubação.

4.4 MANEJO SANITÁRIO

O calendário de vacinação dos animais ocorre duas vezes ao ano, sendo realizado pela equipe da empresa de vacinas Decra. Os animais são vacinados anualmente contra Raiva, Tétano e Encefalomielite. Duas vezes ao ano também são vacinados contra Influenza Equina e Herpes Vírus. Os animais são vermifugados semestralmente, utilizando o vermífugo Equalan fornecido pela empresa Merial. Não é realizado o exame de OPG (Ovos por grama de fezes).

Os cavalos atletas que viajam com frequência e participam de competições oficiais vinculadas a FEI, CBH, tinham atestado de vacinação assinado por médico veterinário credenciado para liberação da guia de trânsito animal (GTA), além de exame negativo para o Mormo e a AIE dentro do prazo de validade, respeitando as exigências da defesa agropecuária local.

4.5 TREINAMENTO DE EQUINOS

No período do estágio, tive a oportunidade de acompanhar o treinamento de dois animais, um da raça Brasileiro de Hipismo e outro Puro Sangue Inglês, de 9 e 14 anos respectivamente, utilizados em competições de salto, CCE e ocasionalmente de hipismo rural, nas categorias intermediárias, alternando entre salto 1m e 1,10m, e CCE e hipismo rural, entre 80cm e 90cm. Sendo a modalidade foco principal o CCE, contudo o calendário de provas da mesma é bastante restrito, e muitas provas acontecem na região da Alta Mogiana, a 400 km ou mais de distância, o que representa grandes restrições financeiras e logísticas. As provas de hipismo rural e as próprias provas de salto são utilizadas para manter o "ritmo de prova" dos conjuntos.

A temporada de competições ocorre de fevereiro a junho e de agosto ao início de dezembro. Durante a mesma, é desejável que ocorra participação em ao menos uma prova por mês, sendo o ideal, no caso em pauta, consideradas participações quinzenais alternando provas mais intensas com outras mais leves, mais curtas e/ou envolvendo viagens mais breves. Quando há a necessidade de viagens mais longas, participação em campeonatos, à programação de treinamento e também de eventos é ajustada.

A programação mensal, quinzenal e semanal de trabalho dos cavalos ocorre em função deste calendário de provas, com enfoque distribuído entre treinamento técnico, condicionamento físico aeróbico e anaeróbico, exercícios complementares e trabalho de descontração. Os trabalhos técnicos alternam adestramento, salto de picadeiro e cross.

O condicionamento aeróbico é obtido basicamente com trabalho longo e lento, e o anaeróbico com ocasionais tiros de galope, sempre considerando as condições do piso e estado geral dos cavalos. Os trabalhos complementares podem incluir trabalho de guia, trabalho de chão e exteriores, com bastante ênfase para o exterior a passo ("hacking"), que objetivam tanto a descontração física e mental, quanto o condicionamento de base. No caso dos dois cavalos citados a cima, boa parte do aquecimento e condicionamento

é feito com cabresteamo montado ("ponying"), quando o cavaleiro monta um dos cavalos ao mesmo tempo em que conduz outro desmontado.

Exemplificando uma quinzena de trabalho dos cavalos típica concluindo com competição, seria:

Segunda-feira - descanso pós-evento / folga;

Terça-feira - trabalho leve de plano;

Quarta-feira - treinamento de cross / galope;

Quinta-feira - adestramento;

Sexta-feira - trabalho de guia / trabalho de plano leve / exterior a passo;

Sábado - prova-treino / simulação de evento (em casa);

Domingo - descanso;

Segunda-feira - exterior a passo / condicionamento lento;

Terça-feira - treinamento de salto;

Quarta-feira - exterior / condicionamento físico leve;

Quinta-feira - adestramento / trabalho plano;

Sexta-feira - viagem ao evento, aclimatação;

Sábado - evento dia 1;

Domingo - evento dia 2, retorno;

Segunda-feira - descanso pós evento;

No período decorrido, minha principal atuação se deu em relação ao aquecimento e esfriamento dos cavalos, bem como trabalho de condicionamento, tanto sozinho em pista cercada, quanto em dupla acompanhando outro cavaleiro, nos três andamentos

(passo, trote, galope), no preparo dos mesmos para a viagem, na preparação pré prova, encilhar, colocação dos rampões na ferradura, caneleiras e nos cuidados pós prova, desencilhar, retirar os rampões e as caneleiras e rasquear e alimentar os animais.

4.6 ACESSIBILIDADE EM CENTROS EQUESTRES

A acessibilidade pode ser traduzida em acesso com segurança a lugares públicos e privados de pessoas com deficiências, baixa mobilidade física, idosos ou crianças. Se tratando de centros hípicas a coisa não é diferente. Por esses locais se encontrarem, em grande maioria, nas zonas rurais ou afastados dos grandes centros, o acesso ainda deixa muito a desejar, não diferindo dos outros estabelecimentos urbanos.

Os centros de equoterapia também passam por esse problema. Na maioria desses centros ainda se nota a falta de adaptações nas estruturas físicas e nas construções, como sanitários, rampas de acesso para cadeirantes e até mesmo no acesso ao local de atendimento. É certo que o investimento financeiro é o limitante para alguns desses locais, influenciando no adiamento das ações de melhorias, porém em alguns casos a falta de planejamento é o entrave para as adequações e melhorias de infraestrutura.

Alguns centros de equoterapia muitas vezes funcionam no mesmo local que uma escola de equitação ou centro de treinamento e além de dividirem o espaço físico, dividem também cavalos, mão de obra, e até clientes. O fato de funcionar outras atividades, como escola de equitação ou centro de treinamento no mesmo local, não é empecilho para serem feitas as adaptações necessárias para o bem-estar das pessoas que acessam, pois essas adaptações tendem a favorecer a todos.

No geral, os centros hípicas sejam de equoterapia, misto, ou de qualquer outro seguimento equestre, não estão preparados para que uma pessoa que possui mobilidade baixa em se locomover vá até as instalações, cocheiras, entre outros locais, devido muitas vezes aos seus terrenos acidentados por efeito topográfico, e que com alguns ajustes a esta realidade poderiam mudar, melhorando a qualidade de seus acessos e conseqüentemente de seus atendimentos.

É comprovado que para o melhor aproveitamento do tratamento equoterapêutico é preciso um contato direto com o cavalo. Esses momentos fora das pistas ou desmontados, são de extrema importância para o desenvolvimento da sensibilidade de pessoas, e para que esses momentos aconteçam, a segurança do local deve estar em primeiro lugar.

O convívio do aluno de equitação ou do praticante de equoterapia com os cavalos, no manejo diário, no escovar, no alimentar, no sentir, e no tocar os animais, muda completamente a relação sensível entre cavalo e o ser humano e contribui também para a socialização entre pessoas.

Contudo, para que essa ação possa ser incluída como parte dos atendimentos ou das aulas, as instalações necessitam ser preparadas ou adaptadas em sua maioria, para que proporcione segurança aos atendidos. Há modelos de centros hípicos que a adaptação será um pouco mais complexa, porém todo centro hípico é possível de ser modificado, ou melhor, todo centro hípico precisa ser adaptado. Outro problema é quando se contrata algum funcionário para exercer alguma função no centro hípico ou não se contrata devido o mesmo possuir alguma deficiência ou ter mobilidade reduzida. Independente da função que irá exercer, sua contratação não é possível, pois o local não dispõe de acessibilidade ou o mesmo funcionário ficará restrito ao escritório ou a funções administrativas.

Nesses casos, os dois lados saem perdendo, a empresa deixando de dispor das expertises do candidato, e o profissional de estar no mercado de trabalho impossibilitado de exercer sua profissão por falta de acesso. No caso em que o profissional fica restrito ao escritório, se torna muitas das vezes impossibilitado de contribuir com o crescimento da empresa, pois se encontra limitado a um espaço físico onde o conhecimento dos problemas que estão ao seu entorno ou no campo, ficam de difícil detecção e solução, não somando com a equipe na melhor tomada de decisões.

Por isso, faz-se necessário a preocupação com esse tema dentro das empresas e centros hípicos, para que o acesso desse público seja cada vez mais crescente. Essa ação diminuiria os casos de pessoas que chegam aos centros para suas aulas ou atendimentos, apenas montam nos cavalos, desmontam e vão embora por falta de acessibilidade, não explorando o contato com os equinos e o entendimento do seu comportamento natural.

A partir da experiência prática vivenciada no meu estágio supervisionado na Universidade do Cavalo, surgiu a oportunidade através do convite feito pela equipe UC para que esse assunto fosse tema do décimo sétimo Encontro internacional de Hormanship.

Em uma palestra que teve duração de aproximadamente uma hora e meia, onde pude relatar resumidamente minha convivência com os cavalos e como realizo todas as atividades e obrigações diárias, como manejá-los e montá-los mesmo sendo cego, gerou questionamentos e aprofundou mais as dúvidas, motivando ainda mais o estudo desse assunto que não tem fim. Questionamentos como: quais as necessidades desse público, quais seriam as mudanças necessárias e como realizar essas mudanças, dentre outras que foram feitas durante todo os três dias de evento, levantaram discussões muito positivas em prol da causa e a semente da acessibilidade nos centros equestres foi plantada. O caminho é longo, mas é certo que o público presente, bem variado por sinal, de pessoas do cavalo saíram dali com uma visão diferente no que se trata de acessibilidade em centros equestres. Sem dúvida o mais produtivo foi ouvi-los e saber que existe o anseio por melhorias, e que às vezes essas adequações não são feitas por falta de conhecimento e de informação.

Provando que a preocupação de um profissional em um centro equestre também deve ser com o bem-estar do público que acessa os centros hípicas para desfrutar deste local, requerendo atenção tanto quanto o bem-estar dos nossos amigos cavalos, como defensor nato da causa acessibilidade, desafio aos colegas profissionais a pensarem mais como está a situação física dos centros sob sua responsabilidade. Temos acessibilidade ou não temos? Vamos acessibilizar ou não vamos? Precisamos mudar o modo de pensar e agir, pois assim, nada valerá falar de acessibilidade. Se deve incentivar a prática da boa equitação sempre, e sim, é possível de ser praticada por todos os públicos, independentemente de qualquer limitação, essa também é uma forma de fazer inclusão no meio equestre. Porém, para que isso seja posto em prática, cabe aos profissionais, professores de equitação, guias turísticos, proprietários e atuantes diretos no dia a dia de centros equestres, se prepararem para atender a todos os públicos. Para isso, a atualização e a qualificação dos profissionais para os diversos tipos de atendimento e

públicos se faz necessário, pois nos próximos anos a promoção de acessibilidade como inclusão social deverá ser uma preocupação também dos gestores e proprietários de centros equestres.

5. SUGESTÕES

5.1. Aos proprietários e gestores de centros equestres, deem importância à acessibilidade nestes estabelecimentos sob suas responsabilidades, pois existe um público que precisa e merece essa atenção especial, ansiando por acesso aos centros equestres, não somente a pista ou ao escritório, mas também a baias e a todas as demais instalações do centro.

5.2. Incluir ou realizar adequação das estruturas físicas e das mídias digitais, incluindo as divulgações para que tais informações cheguem a todos os interessados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos teóricos de equideocultura e de zootecnia só fazem sentido quando somados a aplicação prática realizada durante os três meses de estágio na Universidade do Cavalo. A troca de experiências com profissionais da área já com carreira estabelecida na equideocultura foi de grande contribuição para o meu direcionamento e crescimento profissional. Além disso, foi durante o estágio que descobri a importância e a contribuição na inclusão social, juntando os assuntos acessibilidade, zootecnia e equideocultura, os quais pareciam muito distante.

7. CONCLUSÃO

Concluindo então que acessibilidade tem tudo a ver com zootecnia e equideocultura e que o viver cavalo ou o viver de cavalo só pode ser entendido de uma forma, vivendo cavalo!

REFERÊNCIAS

- BOTTON, Priscila. **Principais modalidades equestres**. In: MARINS, Aloisio et al. Administração de Centros Equestres. Sorocaba: Universidade do Cavallo. 2019. p. 163-166.
- BRANDI, A. R.; FURTADO, C. E. **Importância nutricional e metabólica da fibra na dieta de equinos**. Revista Brasileira de Zootecnia, Viçosa, v.38, n.7, p. 246-258, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151635982009001300025&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 02 Jun.2019.
- CARROLL, C.L.; HUNTINGTON, P.J. **Body condition scoring and weight estimation of horses**. Equine Veterinary Journal, Cambridgeshire, v.20, n.1, p. 41-45, 1988. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3366105/>. Acesso em: 10 Mar. 2019.
- FERREIRA, W. M. et al. **Zootecnia brasileira: Quarenta anos de história e reflexões**. Revista Acadêmica, Curitiba, v.4, n.3, p. 77-93, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/cienciaanimal/article/view/9447/9093>. Acessado em: 03 Abr. 2020.
- LESCHONSKI, Cláudia Sophia. **Teoria da Equitação: A arte de aprender a montar a cavalo**. In: MARINS, Aloisio et al. Administração de Centros Equestres. Sorocaba: Universidade do Cavallo. 2019. p. 179-186.
- LEME, D. P. et al. **Manual de boas práticas de manejo em equideocultura**. Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e Cooperativismo do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Brasília: Assessoria de Comunicação e Eventos do MAPA, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/producao-animal/arquivos-publicacoes-bem-estar-animal/manual_boas_praticas_digital.pdf. Acesso em: 12 Jan. 2020.
- LEWIS, L.D. **Nutrição Clínica equina: alimentação e cuidados**. 1 ed. São Paulo: Editora Roca, 2000.
- LIMA, Roberto Arruda de Souza; Cintra, André Galvão. **Revisão do Estudo do complexo agronegócio do cavalo**. Câmara de Equideocultura do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Brasília: Assessoria de Comunicação e Eventos do MAPA, 2015. Disponível em: [http://www.agricultura.gov.br/Equideocultura/revisao-estudoagronegociocavalos%20\(1\).pdf](http://www.agricultura.gov.br/Equideocultura/revisao-estudoagronegociocavalos%20(1).pdf). Acesso em: 05 Mai. 2019.
- LUPI, Luís. **Escala de treino e a influência na biomecânica do cavalo de desporto**. 2007. Tese (Mestrado em Equitação), Centro Militar de Educação Física e Desportos, Mafra - Portugal, 2007.

MARINS, Aluisio. **O manejo correto para o bem estar animal**. In: MARINS, Aloisio et al. Administração de Centros Equestres. Sorocaba: Universidade do Cavallo. 2019. p. 59-66.

MEIRELLES, Paulo Roberto de Lima. **Cerca elétrica para contenção animal**. Amapá: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2001. Comunicado Técnico 72. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/348285/cerca-eletrica-para-a-contencao-de-animal>. Acessado em: 10 Jun. 2020.

MORGADO, E. S. et al. **Digestão de carboidratos de alimentos volumosos em equinos**. Revista Brasileira de Zootecnia, Viçosa, v.38, n.1, p. 78-81, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151635982009000100010. Acesso em: 15 Jul. 2019.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL-NRC, 2007. **Nutrient Requirements of Horses**. 6 ed. United States of America: Washington DC. 2007.

OLIVEIRA, Ana Alix Mendes de Almeida. **O zootecnista e as tecnologias de criação de equídeos**. In: Congresso Brasileiro de Zootecnia, 18., 2008, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: UFPB/ABZ, 2008. 1 CD-ROM.

REZENDE, M. J. M. et al. **Comportamento de cavalos das raças Bretã e Percheron estabulados**. Ciência Animal Brasileira, Goiânia, v. 7, p. 17-25, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/vet/article/view/391>. Acesso em: 02 fev. 2020.

THE WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION. **Diretrizes para o Bem-Estar Animal da WSAVA**. Ontário-Canadá: WSAVA, 2018. Disponível em: <https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/01/WSAVA-Animal-Welfare-Guidelines-2018-PORTUGUESE.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2020

VIEIRA, Michele Cristina. **Percepções e práticas de manejo em estabelecimentos equestres quanto à influência dessas práticas para o bem-estar de equinos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.